

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

### ROBERT SOUTHEY (1774-1834)

Depois de Armitage, o “vulto” do número anterior, cremos que nenhum historiador mais indicado que Southey, já indicado por Armitage quando escreveu na página de rosto de seu livro que ele seria como que uma continuação da obra de seu compatriota que se referia apenas ao período anterior à transferência da Corte para o Brasil. “Continuação”, como já deixamos claro, apenas circunstancial, melhor dizendo, cronológica.

A obra de Southey, **History of Brazil**, publicada em 1820, só foi traduzida para a nossa língua em 1862, o que vale dizer quase meio século depois de editada em Londres. Mas, dado o relativo conhecimento da língua inglesa entre nós, ela pôde ser lida, estudada, criticada e... aproveitada por muita gente, que dela fez como que um modelo para a historiografia brasileira até época relativamente recente. O que já não aconteceu, por exemplo, com a valiosa obra de Handelmann, que teve pouca divulgação no Brasil, dado o pouco conhecimento entre nós da língua alemã.

Natural de Bristol, onde nasceu a 12 de agosto de 1774, vinculou seu nome à história da literatura de seu país como poeta, ensaísta e biógrafo, tendo, nesta última atividade, publicado as “vidas” do Almirante Nelson e de João Wesley, o grande reformador, fundador do Metodismo.

Visitou Portugal em 1800, demonstrando grande interesse pela história e pela literatura desse país. Interessou-se ainda mais, pelo Brasil e após tomar conhecimento de preciosas fontes existentes nos arquivos portugueses e estimulado por um seu tio, residente em Lisboa,

dispôs-se a escrever a obra que o vinculou definitivamente ao Brasil, revelando, por parte de seu autor, ampla visão de nossa evolução histórica, o que é tanto mais de se admirar quando se considera a circunstância de nunca ter estado no Brasil. Tal como o caso já citado de Handelmann. Faleceu a 21 de março de 1834, em Keswick.

Quem, no Brasil, melhor e mais profundamente estudou-lhe a obra foi Maria Odila da Silva Dias no livro **O Fardo do Homem Branco**, publicado em 1974, como volume 344 da preciosa coleção “Brasileira”, da Companhia Editora Nacional. Originariamente uma tese de doutorado na Universidade de São Paulo, o objetivo da autora foi analisar a obra de Southey, integrando-a na época e no meio em que foi escrita. Foi sua intenção estudar o modo pelo qual os valores do conservadorismo inglês e do humanismo autoritário, que caracterizam a política colonial da Inglaterra na primeira metade do século XIX, possibilitaram essa primeira sistematização das fontes sobre a história colonial brasileira e uma primeira interpretação peculiar das perspectivas que oferecia o Brasil para transformar-se em nação independente.

De seu livro, disse Francisco de Assis Barbosa que se trata de obra “de envergadura fora do comum, quer pelo seu conteúdo, quer pela crítica, destinada a figurar entre as obras do gênero como um ponto alto. Um livro, em suma, definitivo, não só sobre o historiador e sua técnica, como também sobre a época em que viveu e atuou.

Nada melhor que recomendar aos interessados a leitura do valioso livro de Maria Odila da Silva Dias, especialmente aos dois últimos capítulos (XI e XII), nos quais a autora condensa de maneira feliz o modo de Southey “sentir” nossa história nos seus mais variados aspectos, ou, melhor, nos aspectos que lhe pareceram necessários para poder entender nosso passado.

Parece-nos necessário acentuar que a obra de Southey não se limita ao Brasil, segundo informação do próprio autor, no prefácio: “Compreende esta obra alguma coisa mais do que o seu título promete. Relata a fundação e progresso das províncias espanholas adjacentes, cujos negócios veremos nos últimos tempos inseparavelmente entrelaçados com os do Brasil. Pode pois considerar-se o assunto como abrangendo todo o território entre o Prata e o Amazonas, e estenden-

do-se para o ocidente até onde os portugueses levaram a sua colonização ou conquista.

A edição original da **History of Brazil**, consta de três volumes, publicados entre 1810 a 1819, em Londres, por Longman, Hurst, Rees and Orne. Na primeira edição brasileira, Garnier, Rio de Janeiro, 1862, a obra foi desdobrada em seis volumes, em tradução de Luís Joaquim de Oliveira e Castro e com numerosas anotações do Cônego J. C. Fernandes Pinheiro, anotações estas, para muitos críticos, consideradas desnecessárias. Uma segunda edição brasileira, seguindo o mesmo plano da primeira, foi publicada entre 1949 e 1954, pela Editora Progresso, da capital baiana. E em 1965, publicou-se em São Paulo, pela Editora Obelisco, uma terceira edição, que acrescentou às notas das edições anteriores mais as de Leonardo Arroyo e de Brasil Bandecchi, com introdução deste último.